

01-06-2022

Ilzas, Anas e o padecer de quem cuida

Francine de Souza Dias

[Assistente Social. Doutoranda Ensp/Fiocruz]

O clichê é uma placa gravada que, na tipografia, serve à reprodução de textos e imagens. A frequência do seu uso nas incontáveis repetições pode torná-lo gasto.

O resultado pode ter uma falha ou outra, mas a estampa que dele resulta é sempre igual: aquela talhada no seu corpo. Quem cuida de quem precisa de cuidado? **Quem cuida de quem cuida?** Na flexão 'brinciativa' da nossa língua, usamos o clichê para nos referirmos ao corriqueiro, àquilo que se repete excessivamente.

Essas perguntas, assim como as mães de pessoas com deficiência, parecem ocupar esse lugar comum, o clichê. Ano retrasado conhecemos **Laronda**, que faleceu em casa e teve seu corpo mantido naquele mesmo espaço, habitado por seus quatro filhos com deficiência intelectual. Quando encontrada, em 2020, restavam apenas ossos, tamanho o estado de decomposição, que já se estendia há dois, três anos. Esquecido.

Ano passado soubemos de **Ilza**, cuidadora de seu filho Breno, com tetraplegia. Ela faleceu em casa e, conseqüentemente, sem condições de pedir ajuda e prover as próprias necessidades, Breno também se foi.

Dia desses, em maio de 2022, soubemos de **Ana Paula**, cujo corpo, falecido em casa, estava sem vida há mais de 12 dias, sendo encontrado ao mesmo tempo que seu filho, com vida, em outro cômodo da casa.

Seu menino, pessoa com autismo não verbal, conviveu com o corpo sem vida de sua mãe sem conseguir acionar outras pessoas em pedido de ajuda.

Compartilho histórias recentes e bastante comuns, apesar de pouco publicizadas, para provocar, repetidamente: **Quem cuida de quem cuida?**

Quando **Ilzas**, **Larondas** e Anas se vão em uma morte abandonada, falhamos todes. Elas se vão enquanto repetimos clichês como: *é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança*. Repetimos excessivamente mensagens bonitas cujos sentidos são desconhecidos por mães de crianças com deficiência, principalmente aquelas pobres, racializadas. Seus filhos crescem e elas seguem sem entender do que se trata.

Falamos repetidamente do quanto a maternidade costuma ser uma experiência solitária.

Falamos da feminização do cuidado, do abandono paterno, da falta de rede de apoio.

Falamos dessas experiências entendendo que são compartilhadas de forma semelhante por todas as mulheres aí situadas, ao menos dentro de determinado recorte de classe. Esquecemos que as cuidadoras de pessoas com deficiência experienciam tudo isso, muitas vezes, de forma exponencialmente maior, mais dura, padecida. **Ilzas** e **Anas**, além de compartilharem experiências de maternidade atípica, serem mulheres e cuidadoras solitárias, são também contemporâneas em uma sociedade neoliberal, capacitista, patriarcal, misógina, sexista e racista. Uma sociedade que, ao idolatrar o fetiche da autonomia e da independência, ao negar o cuidado como trabalho e recusar sua incorporação em políticas públicas, aprisiona, abandona e mata mulheres cuidadoras e pessoas com deficiência por elas cuidadas. Falo de um projeto societário. Esse projeto nos atravessa e constitui como pessoas que não aprendem (ou desaprenderam) sobre o viver em coletivo. Talvez, como pessoas, ao sermos afetadas por **Ilzas**, **Anas** e suas crias, possamos repensar o modo como ocupamos o mundo e existimos em relação ao outro. Talvez, possamos aprender que suas mortes e abandonos, bem como as negligências experimentadas por seus filhos, mais falam sobre nós.

Repensar para transfazer, refazer, reconstruir.

Laços e pertenças. Pequenos a ampliados.

Quem sabe o afeto possa nos mobilizar em direção a outras sociabilidades,

essa força que nos toca, atravessa e transforma.

Quem sabe, assim, possamos transmutar abandono em presença, distanciamentos em proximidade, implicação, compromisso... de modo que histórias como as de **Larondas**, **Ilzas**, **Anas** jamais se repitam, sejam naturalizadas e brevemente lamentadas até a próxima notícia.

Quem sabe assim, possamos abandonar a repetição dos clichês e aprender novos sentidos para a vida em comum, plural e interdependente, imprimindo novas possibilidades para a nossa existência.

♦ ♦ ♦

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.